

REVISTA

DO

Instituto Arqueológico Histórico e
Geográfico Pernambucano

Comissão de Redação:

Mário Melo, Samuel Campêlo e
Naasson Figuerêdo

*Os heroicos feitos dos antigos
Tende vivos e impressos na memoria
Alli vereis esforços nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria*

PROSOPOPEÁ—BENTO TEIXEIRA



BRASIL — PERNAMBUCO — 1935

Etnografia pernambucana

OS XUCURÚS DE ARAROBÁ

De ha muito Carlos Estêvão, que honra a cultura pernambucana como diretor do Museu Goeldi, do Pará, e que é acatado pelos seus estudos de etnografia, me falara, em carta, de Curt Nimuendajú. Era o Nimuendajú — dizia-me o Carlos Estêvão — um grande etnólogo que empregava a sua vida na Amazônia em estudos de americanismo. E, para aguçar a minha vaidade, informara-me que Nimuendajú copiara e guardara a série de artigos que, no *Diário de Pernambuco*, eu publicara sôbre os carnijós das Aguas Belas.

Depois Alfred Metraux, também etnólogo, diretôr do Museu de Tucuman, na Argentina, de passagem por Pernambuco, me falara de Nimuendajú, como nome universalmente conhecido e acatado nos meios científicos, pelos seus trabalhos. E acrescentara-me esta particularidade: o alemão se afeiçoara a uma tribo guaraní da Amazônia, no seio da qual viveu alguns anos para mais bem aprender a língua, trocou o seu verdadeiro nome pelo nome de guerra Curt Nimuendajú que lhe imposera o chefe guaraní e com êste se naturalizara brasileiro.

Grande, portanto, foi minha satisfação quando, ha dias, se me apresentou Nimuendajú, procedente da Suécia, deseioso de estudar os remanescentes indigenas de Pernambuco.

Depois de troca de idéias, o etnólogo resolveu começar suas investigações por Cimbres, onde existira um aldeamento. Foi a Ararobá por conta própria, estêve entre os indios, regressou ao Recife e seguiu para as Aguas Belas, a fim de continuar suas investigações.

Logo que regressou de Ararobá, deu-me o prazer de procurar-me, para transmitir-me suas impressões:

Disse que estivera em contacto com os descendentes dos xucurús. Existem, ainda cêrca de 50 individuos, já cruzados alguns, porém, que conservam estigmas dos amerindios, co-

mo tais facilmente reconhecíveis, apesar de ausência completa de semelhança com o mongol.

Ao contrário dos carnijós das Aguas Belas, vivem desagrupados, de modo que já não conservam tradições, nem religião. Quase que perderam a língua. Guardam ainda alguns vocábulos, que intercalam no português, em forma de gíria, mas já não constroem frases com os mesmos vocábulos da língua primitiva. Ainda assim, colhendo de uns e de outros, pôde reunir cerca de 150. Comparando-os com os das línguas cariri, carnijó, timbira, e guarani, verificou que os xucurús não têm nenhuma ligação com essas famílias. Formam um grupo insulado.

Quanto a religião, têm uma espécie de idolatria, por infiltrações do catolicismo e pretendem o monopólio do culto á santa da sua devoção.

Sabem, perfeitamente, que descendem da tribo xucurú, que ocupou aquela região, têm orgulho da sua procedencia e julgam-se superiores aos outros habitantes, guardando rancôr dos brancos por lhes haverem tomado as terras. (Segundo a "Informação geral da Capitania de Pernambuco", escrita em meados do século XVIII, os xucurús formavam a aldeia do Ararobá, com uma légua de terra em quadra, e constavam de 642 individuos, dirigidos por um missionário religioso da Congregação de São Felipe Néri).

A primeira vantagem das investigações de Nimuendajú ressalta da identificação dos remanescentes indigenas e de sua defamiliarização — si bem o exprime o termo — dos grupos fundamentais brasílicos, pois, segundo se lê no "Dicionário historico" de Sebastião Galvão, havia em Cimbres (ou Simbres, de acôrdo com os documentos antigos), três tribús: a dos ararobás, a dos paratiós e a dos xucurus. É era presunção minha que elas se ligavam aos cariris.

Praticam apenas a industria de esteiras, por meios muito rudimentares, e a de grosseira cerâmica.

Por esta ultima é possível ainda ao etnógrafo verificar que os xucurús não tem filiação alguma a outra familia indigena. Ordinariamente, os indigenas brasileiros preparam a argila sobre fôllias, torcem-na como alfenim e fabricam o vaso com camadas sobrepostas dos "alfenins" de argila. Os xucurús preparam um bloco de barro sobre o solo e começam a extrair o barro do centro do bloco, deixando as parêdes. Prova isto que não tiveram mestres, que não andaram em contacto com outras tribus mais adeantadas.

Antigamente faziam uma espécie de embornal de fibras de crauá, por meio de nós, como se vê nos jererês, o que despresaram, pela facilidade da aquisição de tecidos fortes.

Curt Nimuendajú prometeu oportunamente escrever suas observações para o Instituto arqueológico e illustra-las com fotografias tomadas in-locó.

Que esplêndida oportunidade para o govêrno facilitar-lhe meios de estudar e identificar todos os remanescentes indigenas que ainda aqui se encontram em pequenos grupos — na Serra Nêgra, na serra de Tacaratú, no antigo sertão de Rodelas do São Francisco — material precioso que vai desaparecendo sem deixar vestígios!...

Mário Melo

Quadro comparativo de algumas palavras Xucurús, organizado por C. Nimuendajú

	XUCURÚ Nimuendajú (Isol.)	CARIRÍ P. Mamiani (Isol.)	CARNIJÓ Mário Melo (Isol.)	TIMBIRA Nimuendajú (Gé)	GUARANÍ Nimuendajú (Tupi)
HOMEM	Xenupre	Ré	Otsacá	Hum	Avá
MULHER	Moéla	Tidzi	Txa-í	Kahãi	Kumiã
FOGO	Intóa	Isú	To-ê	Kuvú	Tatá
ÁGUA	Teu	Dzú	Ói-á	Ko	I
PEDRA	Kebra	Cro	—	Ken	Itá
CABEÇA	Kreká	Tzâbu	Itkiá	Krã	Akau
OLHO	Pigó (olha!)	Po	Itueitá	To	Tetsá
ORELHA	Bandulak	Beñé	Txifakê	Hapak	Nambi
BÓCA	Mãz	Waridza	Dja-tê	Harkwa	Dyurú
NARIZ	Korôzá	Nébi	Djelo-tá	Nikré	Tim
LINGUA	Isarágo	Numu	Iscalê	Iôtó	Ku
DENTE	Cilodé	Dza	Dja-xí	Wa	Tã
MÃO	Koreké	Misa	Icôt-sê	Hukrá	Po
PÉ	Poyá	Bi	Ixi-eri	Pári	Pi
CASA	Sek	Erá	Cô-tí	Kre	Og

OS PRAIÁS DE TACARATÚ

Quem da serra de Tacaratú, no lugar Serrinha, olha para o Sul, tem diante dos olhos uma das paisagens mais sugestivas. O vale do Brejo dos Padres estende-se quasi de nascente ao poente, formando uma obliqua, golpeado ao poente por